

NOTAS SOBRE UMA VIAGEM À LAPÔNIA

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar*

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2015.

Resumo: Neste breve texto registro minhas impressões sobre uma viagem às terras geladas da Lapônia finlandesa, território tradicional dos povos Sami e foco de um turismo ártico, especialmente intenso nas épocas natalinas.

Palavras-chave: Lapônia, viagem, Sami.

Abstract: In this short text I express my impression about a trip to the cold lands of Finnish Lapland, also traditional territory of Sami Indian. Lapland as well is focus of an arctic tourism that is particularly intense in Christmas time.

Keywords: Lapland, travel, Sami.

A Lapônia finlandesa tornou-se mundialmente conhecida como a terra do 'papai noel'. Todos os anos Rovaniemi, a capital da Lapônia, recebe em dezembro milhares de turistas ávidos por satisfazer uma curiosidade cuja origem remete a um imaginário de natal que se cristalizou em inúmeros países. Porta de entrada do Polo Norte, a cidade criou um turismo focado nos símbolos natalinos, tendo por pivô o parque temático nominado 'Vila do Papai Noel'.

Diante de tamanho sucesso, todos os que desejam passar o natal nas terras do Polo Norte devem planejar sua estada com quase um ano de antecedência. As vagas no setor hoteleiro

esgotam rapidamente, ficando disponíveis apenas algumas caríssimas acomodações. Voos diários conectam Rovaniemi com a capital da Finlândia, Helsinki, e transitam quase sempre cheios nesta época do ano. Ou seja, se você imagina ficar em uma cabana isolada do mundo e conhecer um bom velhinho com modo de vida quase ermitão, pode esquecer, pois o que encontrará é uma verdadeira indústria turística.

Mas nem só de Papai Noel vive a Lapônia. Outros temas já ganham espaço nos elaborados catálogos turísticos: caçadas às auroras boreais, passeios e safaris em trenós movidos por cães, gastronomia regional e referências à cultura Sami. Com o Papai Noel sob os holofotes, alguns esquecem que os Sami são o que a Lapônia realmente tem de tradicional. A população de descendentes Sami é

* Docente da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. rodrigoaguiar@ufgd.edu.br



A Vila do Papai Noel.

expressiva na região e muitos destes indígenas vivem nas fazendas. Com o foco na criação de renas, os remanescentes indígenas evocam o discurso de conexão com os elementos da natureza como herança imemorial de seu povo. Alguns destes indígenas acabam obtendo uma pequena fatia dos recursos do turismo da vila natalina, mas é preciso destacar que o turismo de massa tem sido criticado por promover encenações caricaturais de elementos da cultura Sami.

Ao nos darmos conta de que as renas e o povo Sami são o verdadeiro patrimônio cultural da Lapônia, vamos perceber as conexões entre estes dois elementos e a paisagem local. Marcos geográficos são culturalmente traduzidos, convertendo relevos, cursos de água e áreas de movimento de animais em espaços cosmológicos. Os 'ambientes sagrados', tema capital para os povos originários, persiste no discurso dos descendentes Sami. A etnia passou a ostentar orgulhosamente sua origem étnica, portando trajes tradicionais em eventos especiais. As práticas de afirmação étnica são também elementos de resistência ante políticas públicas

que por longo período negaram os direitos tradicionais.

Ainda que pesem todas as críticas ao turismo de massa e à encenação da cultura indígena com foco nas demandas turísticas, é notória a atuação de indígena Sami nesta indústria. Em fazendas locais, é possível encontrar um patriarca Sami, vestindo seu traje típico e preparando um trenó puxado por renas para satisfazer a curiosidade do visitante. Feito o trajeto no trenó, o turista ganha uma licença fictícia para pilotar trenós de renas, válida por cinco anos. Nada mais é do que um cartão dobrado com a foto o patriarca na frente e no interior os dizeres em oito idiomas: “O titular desta licença satisfaz as condições da prova de condução de trenó de rena pelas terras selvagens da Lapônia, observando as regras vigentes”. Ao final, o turista põe sua assinatura, 'validando' a licença.

A conexão entre os Sami e as renas remonta aos tempos antigos do pastoreio nômade. Há um mito relacionado à gênese que ilustra o papel destes animais na cosmologia do grupo:



Passeio de trenó em uma fazenda de criação de renas.

Quando o criador fez os ancestrais do povo Sami, ele colocou no centro da terra o coração pulsante de uma rena fêmea de dois anos. Assim, sempre que o povo Sami enfrenta problemas, coloca o ouvido na terra e escuta as batidas que vêm de baixo. Se o coração segue pulsando, quer dizer que ainda há um futuro para o povo Sami e seja qual for o problema a ser encarado, terá solução, de uma forma ou de outra. Da batida do coração da rena nas profundezas da terra há uma conexão com as batidas do tambor Sami e com os tempos ancestrais, quando as canções do povo foram criadas e tocadas – as canções que contam a história e renovam a crença do povo Sami no futuro (GASKI, 1993: 115 – **tradução minha**).

Os safaris pelas terras geladas também integram as atividades turísticas e a presença Sami nesta atividade econômica é notada. Neste caso, os trenós são puxados por cães, adentrando as terras dos parques naturais e, dependendo da distância, pernando em uma cabana tradicional em meio ao ambiente gelado. Com um pouco de sorte, é possível também contemplar a aurora boreal. Neste negócio, percebe-se diferença no

tratamento dos animais quando os operadores são Sami. Entre os indígenas há demonstrações de afeto e respeito pelos cães, ao passo em que os operadores não indígenas, especialmente os estrangeiros, seguem tão minimamente as regras de bem estar animal, deixando-se notar que os cães são encarados como produtos econômicos. Tal diferença pode ter origem na forma como a religião ancestral Sami investia os animais de sentido espiritual. Ainda que a religião luterana seja predominante entre os Sami atuais, nota-se a influência dos elementos religiosos tradicionais no modo de vida, bem como a emergência de movimentos de reapropriação da religiosidade tradicional como forma de evocação de identidade.

As conexões entre os povos Sami com antigas matrizes Fino-Húngaras leva a compartilhamentos culturais com povos que vivem até nos territórios siberianos (Mulk & Bayliss-Smith, 2007). Entre alguns povos siberianos, apesar de os rituais contarem com a condução de um Xamã, todos participam interativamente nos rumos de certas práticas místicas, inclusive as crianças (ibid). Isso nos



Vastidão dos parques naturais da Lapônia.



Acima: tambor de um xamã siberiano, acervo do Museu Nacional da Dinamarca.

Ao lado: cabana tradicional nos arredores de Rovaniemi.





revela que a audiência para tais rituais, longe de ser restrita a elites, é de acesso livre a todos os membros da comunidade. Participação coletiva nos rituais e a relação que os membros estabelecem com os entes da natureza formam o substrato da forma de conduta que hoje rege as ações dos remanescentes Sami, o que explicaria a verbalização e a prática das formas de interação com o meio circundante. Ou seja, não é só discurso para turista, mas tem legítima relação com o *modus vivendi*.

Quando da consolidação da identidade finlandesa, os Sami passaram a ser encarados como inferiores em comparação aos finlandeses não indígenas, sendo que tal diferença de status estaria também relacionada à economia praticada pelos indígenas, baseada no pastoreio nômade e na caça e coleta (NYSSÖNEN, 2007). O mesmo discurso do selvagem em oposição ao civilizado, tendo a agricultura como o diferencial do mundo progressista em face ao barbarismo, que tanto se nota na construção do imaginário ameríndio, também aparece nas relações entre os Sami e a sociedade circundante. Desta forma, vemos que os problemas e tensões entre povos indígenas e sociedades nacionais são praticamente universais: tomada de terras, proibição do ensino da língua nativa nas escolas, formação de imaginários depreciativos (silvícolas, bárbaros), esterilizações de mulheres indígenas, discursos de integração cultural e econômica, atividades missionárias para enfraquecimento da religião tradicional. Tais problemas, tão presentes na história dos indígenas do continente americano, também foram a sina dos indígenas Sami.

Atualmente, os movimentos indígenas na Finlândia são intensos e ativos na política nacional. A representação Sami no cenário político, garantida pela formação do Parlamento Sami em 1973, fortaleceu às demandas pelo reconhecimento dos direitos dos nativos sobre seu território tradicional e de praticar sua cultura, ainda que a participação indígena no Parlamento Finlandês seja muito restrita.

Impressões estimuladas pelos sentidos, é o que mais marcou minha viagem pelas terras geladas da Lapônia. As renas, o verde bailar da aurora boreal, as planícies nevadas e rios congelados, tudo emoldurado pela aura de mistério que emana da cultura Sami, presente na

região há milênios.

REFERÊNCIAS

GASKI, H. (1993). The Sami People: the 'White Indians' of Scandinavia. *American Indian Culture and Research Journal*. N. 17(1), pp. 115-128.

MULK, I. M. & BAYLISS-SMITH, T. (2007). Liminality, Rock Art and the Sami Sacred Landscape. *Journal of Northern Studies*, N.1-2, pp. 95-112.

NYSSÖNEN, J. (2007). 'Everybody recognized that we were not white' – Sami identity politics in Filand, 1945-1990. Tese de doutoramento, Universidade de Trønso.



Aurora boreal.